

Contrastes da vida moderna: os loucos anos 1920 no Rio de Janeiro

Marcia Taborda

Sob o signo do progresso, o Rio de Janeiro – centro da atividade econômica e política do país – atraiu a atenção de intelectuais e artistas provenientes de diversas partes da nação, tornando-se um espaço extremamente receptivo às mudanças exigidas pela sociedade moderna. O grande encontro que se deu no ambiente carioca acarretou para a cultura brasileira a transformação de bens regionais em símbolos cultivados nacionalmente. Ideias e expressões desenvolvidas no Rio de Janeiro repercutiram em todo o país.

Foi assim que, em fins dos anos de 1920, uma novidade surgida no ambiente cultural carioca ecoou nas principais cidades do país: jovens senhoritas da sociedade dedicaram-se à prática do violão, levando a público um repertório de *canções típicas* brasileiras. Se esse momento foi marcado pelo intenso processo de renovação tecnológica, que resultou na incorporação de novíssimos hábitos à vida cotidiana, essa atitude, em contrapartida, demonstrou o engajamento dessas mulheres à ideia de restabelecer a tradição, o compromisso refletido no anseio de trazer para a ordem do dia as coisas nossas, bem brasileiras, que refletiam a “verdadeira alma da nação”.

As senhoritas tocavam violão, mostravam as pernas e assumiam uma nova forma física fruto de práticas esportivas e da ginástica que começava a ser divulgada. Os jornais do período exibiram as façanhas empreendidas pelas mulheres modernas como miss Gertrude Ederle. Foi a primeira mulher a atravessar a nado o canal da Mancha, tornando-se campeã olímpica e, em seguida, a mais ágil nadadora do mundo, *record woman* mundial em várias distâncias e provas. A mesma miss Ederle revelou-se também a mais perfeita caçadora da América; dona de uma pontaria invulgar, tornou-se a primeira a abater desde as feras mais bravas aos patos silvestres às margens do rio Potomac.¹

Numa grande matéria ilustrada por uma exuberante foto, o jornal *Crítica* chama atenção para as novidades no ramo da beleza, destacando a sorridente

¹ CRÍTICA, Rio de Janeiro, 12 dez. 1928.

professora alemã cuja profissão seria a de tornar formosas, esculturais, incomparáveis todas as suas alunas, às quais desvendou o segredo da beleza:

Qualquer menina que ambicione ser formosa em Berlim vai logo para essa interessantíssima escola. Imaginem que esses alunos estudam correndo, dançando, nadando, praticando enfim todos os esportes. À custa dessa atividade muscular, dessa vida pura e vigorosa, vivida, e claro ao ar livre, sob o céu, eles conseguem uma constituição atlética, pujante e a pureza, a correção das formas do corpo. No fim são verdadeiras estátuas.²

As mulheres dos anos 1920, além de inúmeras façanhas como atravessar o canal da Mancha a nado, faziam ginástica, eram *chics*, *snoobs* e compravam móveis para o *living-room*. Dançavam, sobretudo, o tango, mas começaram a praticar o *charleston*, o *shimmy*, a ouvir *jazz bands* e a cantar o *fox*. Assistiam a *Let it rain*, com Shirley Mason, *Why women love*, com Blanche Sweet, *The apache*, com Mona Maris – filme inglês, anunciado como produção francesa, que apresentava, intercalado na cena de um teatro de variedades, trecho de filmes com as Dolly Sisters e Josephine Baker a dançar *charleston* –, *The girl from Montmartre*, com Barbara La Marr, *The taxi dancer*, com Joan Crawford e *Vamping Venus* (Vênus à solta), da MGM, no qual Thelma Todd era a mais *flapper* de todas as Vênus que o crítico jamais havia visto.

Lima Barreto na crônica “Bailes suburbanos”, publicada na *Gazeta de Notícias*, retrata primorosamente a mudança imposta pelos novos hábitos e o processo de aburguesamento do subúrbio carioca. Acabava de acordar de uma noite maldormida por conta do baile em casa vizinha. Levantou-se da cama e enquanto tomava café:

Perguntei à minha irmã, provocado pela monótona musicaria do baile da vizinhança, se nos dias presentes não se dançavam mais valsas, mazurcas, quadrilhas ou quadras, etc.

Justifiquei-lhe o motivo da pergunta.

² CRÍTICA, Rio de Janeiro, 12 dez. 1928.

— Qual! – disse-me ela. — Não se gosta mais disso... O que apreciam os dançarinos de hoje são músicas apolcadas, tocadas “a ladiable”, que servem para dançar o tango, *fox-trot*, *rag-time*, e...

— *Cake-walk*? – perguntei.

— Ainda não se dança, ou já se dançou; mas agora, está aparecendo um tal de *shimmy*.³

Não era apenas o baile tradicional que se extinguia nas práticas sociais suburbanas; a própria estrutura das casas, refletindo os novos hábitos, havia mudado; em lugar da grande sala destinada aos bailes onde se dançava a valsa e a polca, parca mobília em pequeníssimos cômodos onde mal cabia um piano. Curiosamente, nessa nova realidade, a salvo da crítica estava o maxixe; dança até então condenada pelo *set* carioca, chegava agora aos subúrbios, vinda do Flamengo! O subúrbio não se diverte mais inocentemente, “o subúrbio se atordoia e se embriaga não só com o álcool, com a lascívia das danças novas que o esnobismo foi buscar no arsenal da hipocrisia norte-americana”. Seu amigo Mendonça atribui o “andaço dessas danças desavergonhadas ao Futebol”, e Lima não duvida, pois “o tal de futebol pôs tanta grosseria no ambiente, tanto desdém pelas coisas de gosto, e reveladoras de cultura, tanta brutalidade de maneiras, de frases e de gestos”, que deve ser mesmo o responsável por “essas danças luxuriosas que os hipócritas estadunidenses foram buscar entre os negros e os apaches”. E para o desfecho a constatação de que o baile familiar saiu de moda: o alto custo de vida, a exiguidade das casas e a imitação da alta burguesia desfiguraram-no, o estão levando à extinção.⁴

A percepção dessa realidade e do crescente individualismo foi observada, anos mais tarde, por um articulista do jornal *A Noite*: o homem moderno é dinâmico porque a vida em redor é de intenso movimento, de constante, avassaladora agitação, exigente, difícil, tumultuosa, uma vida absorvente que dele exige o máximo de sua atenção e de seu esforço.⁵ O desencontro proporcionado pelos novos tempos, pelos novos hábitos levou o autor a uma conclusão que não

³ GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 7 dez. 1922.

⁴ GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 7 dez. 1922.

⁵ A NOITE, Rio de Janeiro, 26 jan. 1929.

poderia ser mais pessimista e desoladora: “O homem moderno é frio. Falta-lhe idealidade”. Para acompanhar esse homem, uma nova mulher, que “baixou de seu pedestal para conviver com o homem na luta cotidiana, como igual. É a companheira amável, mas não a deusa [...]. A criatura faz-se cada vez mais árida, mais chã, mais egoísta. A vida enfeia-se”.⁶

Reside, aliás, na palavra “moderno” uma segura chave de compreensão dos novos tempos. Nicolau Sevckenko, sempre com apurado poder de síntese e precisão, ressalta o fato:

Moderno se torna a palavra origem, o ovo absoluto, a palavra-fruto, a palavra-ação, a palavra-potência, a palavra-libertação, a palavra alumbra-mento, a palavra-reencantamento, a palavra-epifania. Ela introduz um novo sentido à história, alterando o vetor dinâmico do tempo que revela sua índole não a partir de algum ponto remoto no passado, mas de algum lugar no futuro.⁷

Com a palavra-chave “moderno” como conceito fundamental para compreender *Os loucos anos 20*, também denominados *A era do jazz*, vai se casar a palavra imperiosa “tempo”! Ritmo, velocidade, rapidez, imagens, em movimento, movimento.

Essa mudança interna de ritmo e pulsação se reflete logicamente na apresentação externa. A década trouxe às mulheres moderno corte de cabelo, curto, sem volume e uma nova proposta de vestimenta, utilizando a leveza da seda, simples, despojada, que chocou, no entanto, pelo encurtamento das saias.

As mulheres circulavam pela cidade para fazer as compras e ao cair da tarde saíam para o *footing* registrado em maravilhosas fotos divulgadas na *Revista da Semana*; assumiram postos de trabalho até então exclusivos ao sexo masculino, frequentavam cafés e fumavam em público. A imagem curvilínea da melindrosa, criada pelo caricaturista J. Carlos, passou a simbolizar a moderna mulher brasileira.

⁶ A NOITE, Rio de Janeiro, 26 jan. 1929.

⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 228.

Um flagrante do estafante cotidiano e das extenuantes atividades sociais nas quais se consumia o tempo de uma *jeune fille* no Rio de Janeiro de 1928 nos é dado por Peregrino Junior:

– Não se tem tempo para nada! Dizem elas, e com carradas de razão. Evidentemente é assim. Acredite. Desde o dia em que descem do Sion, e trocam, com um suspiro de alívio, o último volume de Ardel pelo primeiro romance de Bourget, elas têm diante dos olhos um programa terrível: chás, visitas, recepções, concertos, bailes, Municipal, Copacabana Palace, cinemas, Fluminense, Jockey... Um programa verdadeiramente enlouquecedor! Mas, quando chega o verão mlles. respiram:

– Que alívio! Agora, sim, vamos afinal repousar!

E sobem, contentes, para Petrópolis. Entretanto, em Petrópolis, o que as espera é apenas isto: tênis, golf, equitação, chás, bailes, recepções, concertos, festas e mais festas.

Mlles. lembram-se do inverno do Rio com saudade. Quando voltam, é de novo a mesma coisa. Invariavelmente. A vida inteira. Até o casamento, ou até a morte. Às vezes as duas coisas, coincidindo singularmente, se fundem numa só. E é a tudo isso que se convencionou chamar: a vida feliz de uma moça moderna!⁸



Fig. 1 – Revista *Para Todos*, abril de 1929.

⁸ CARETA, Rio de Janeiro, p. 26, 1 set. 1928.

Eram, como se vê, muitas as atribuições a que se deveriam dedicar as senhoritas; submetiam-se às expressões impostas pela novidade da vida social nas quais estava subjacente o ritmo pulsante e frenético sugerido pelos novos gêneros musicais e pelos estímulos visuais que avassalavam as publicações que retratavam essa realidade ideal. O malabarismo imposto ao sexo feminino nessa tumultuada década de 1920 fica evidenciado pelos inúmeros concursos promovidos por revistas e jornais que se propunham a ressaltar os mais variados, e porque não dizer, superficiais atributos da nova mulher. Desses, sem dúvida, o que alcançou repercussão ímpar foi o grande concurso de beleza promovido pelo jornal *A Noite* em 1929, que, nesse contexto, adquire singular importância, não apenas pela adesão das senhoritas violonistas, mas por adicionar ingredientes ao caldeirão de imagens e representações que se queria promover da nação brasileira.

OLGA BERGAMINI DE SÁ E A GLORIFICAÇÃO DA BELEZA INDÍGENA

Em novembro de 1928, o jornal *A Noite* anuncia a grande novidade do final do ano. Promoverá o concurso de Miss Brasil e levará ao certame de Miss Universo, evento realizado na cidade de Galveston, no Texas, a brasileira vitoriosa. Foi um processo que durou aproximadamente seis meses e que envolveu todos os estados do país na seleção de suas representantes.

O concurso internacional de Galveston, torneio de repercussão universal, é o que no gênero e à época se fazia de mais aparatoso. Segundo *A Noite*, ali não estava em jogo apenas a ambição das mulheres de cada país pelo título nacional e pela coroa universal de beleza, mas o “próprio orgulho estético e sentimental das nacionalidades que concorrem às provas por graça de suas representantes”. Nem os jogos olímpicos, nem as eleições de políticos, “em que se ajuízam resoluções de universais interesses”, conseguem suscitar entusiasmo maior que o do torneio anual de Galveston. Entretanto, e apesar da atenção que no continente desperta o concurso, nunca o Brasil nem os demais países sul-americanos tiveram a oportunidade de participar, uma ausência que representaria, segundo o jornal, uma desatenção dos povos americanos por uma iniciativa da América. Não seria justo que, em um evento no qual se apura a perfeição da beleza feminina, não tomasse parte a mulher brasileira, “luminosa tradição de formosura nas Américas”.

Naturalmente o povo brasileiro seria sensível à iniciativa, que significaria uma reação às imposições da vida moderna, então voltada essencialmente à ordem material e, sobretudo, à ciência e tecnologia. Os concursos de beleza representariam nesse contexto a elevação do espírito do povo ao nobre sentimento de beleza.

A organização estabeleceu a realização de concursos preliminares em todos os municípios do país, nos quais cada cidade escolheria sua representante; havia preocupação especial em contemplar o maior número de votantes, para que o resultado final pudesse expressar de fato a vontade popular. Terminadas as seleções, deveria realizar-se, na capital de cada uma das 22 unidades federativas, o julgamento que designaria a representante do estado, exatamente como ocorria nos Estados Unidos. Essas 22 representantes iriam ao Rio de Janeiro, onde seria eleita Miss Brasil aquela que levaria as cores do país aos Estados Unidos, e a quem *A Noite* daria o prêmio de 10.000 dólares (84 contos de réis), quantia que permitiria à vencedora custear seus gastos na América do Norte.

O lançamento do concurso trouxe verdadeiro alvoroço à sede do jornal, que passou então a receber inúmeras ligações, assim como a visita de pessoas interessadas e ansiosas para votar nas criaturas que julgavam mais formosas. Para evitar o acúmulo de gente na redação e facilitar a distribuição de cédulas para as senhoritas que representariam os bairros cariocas no concurso de Miss Brasil, resolveram colocar as cédulas nos pontos de venda dos jornais, onde ficaram à disposição dos eleitores.

Das regras fundamentais que iriam governar o pleito, as que dizem respeito às condições para inscrição estipulavam que os votos só poderiam incidir sobre senhoritas solteiras, de 16 a 25 anos, que tivessem dotes de beleza, comprovada nacionalidade brasileira, ficando excluídas as que fizessem da beleza a sua profissão, mesmas medidas adotadas no torneiro de Galveston.

Certamente essas regras tinham por finalidade evitar os constrangimentos ocorridos em princípios dos anos 1920, que acabaram por impor temporária interrupção ao prestigioso concurso de Miss América, no qual se verificou que uma das concorrentes, Mary Campbell, era casada com Everett Barnes, jogador de beisebol dos Piratas de Pittsburgh; no mesmo concurso, Miss Boston apareceu com seu marido e um bebê de sete meses; e, para completar, descobriu-se que Miss Alaska não apenas era casada como residia em Nova York. Nesse

contexto, os jornais não tardaram a classificar de indecente tal competição, que comprometia a reputação e a moral das jovens participantes.⁹

Claro que esses motivos fizeram com que o jornal prestasse esclarecimentos à população, procurando, sobretudo, estabelecer premissas que conferissem idoneidade moral ao concurso; preocupava inicialmente a falta de um espírito desportivo entre as mulheres brasileiras, característica tão comum às norte-americanas e europeias, muito predispostas às atividades ao ar livre. Para a brasileira, especialmente a do interior, que levava uma vida de retraimento e costumes recatados, “as provas podem se figurar audaciosas e representar o motivo bastante de temor e abstinência”, o que parece ter acontecido à miss Portugal presente em Galveston em 1928, que se ressentiu da exibição pública. Importante lembrar que entre as mais esperadas provas que compreendem um concurso de beleza está o desfile em trajes de banho, e *A Noite* temia a impressão que poderia causar a um ambiente familiar, “tão sensível como o nosso”, uma compreensão menos exata do que é, do ponto de vista da moralidade, o certame de Galveston, levando-se em conta a suposta liberalidade da família americana.

Convencendo-se pela constatação direta de que a moralidade se estabelecia rigorosa, só se acatando na concorrência moças de atitudes morais idôneas, os americanos emprestaram inteiro atendimento pelo pleito e os quadros de candidatas melhoraram extraordinariamente em conjunto [...]. No decurso dos bailes e banquetes de homenagem, assim como na vida social de Galveston, não houve sequer uma nota dissonante. Todas as candidatas se apresentaram com o apuro e recato que eram de esperar de filhas de família, meninas da melhor sociedade estadunidense.¹⁰

Procurando sanar os problemas morais enfrentados em concursos anteriores, uma novidade foi estabelecida em Galveston: para conferir segurança e idoneidade às misses na temporada de noites de badalação, cada uma das concorrentes passou a levar o que os americanos chamavam *chaperon* (pessoa que acompanha

⁹ WATSON, Elwood; MARTIN, Darcy. *There she is, Miss America: the politics of sex, beauty, and race in America's most famous pageant*. New York: Palgrave Macmillan, 2004. p. 107.

¹⁰ A NOITE, Rio de Janeiro, 20 nov. 1928.

uma senhora em público), de modo a nunca estar só, seja no hotel como na rua. Tomadas as providências, não haverá pai de família que não confie no ambiente que cercará suas filhas em Galveston, e que não compreenda “os seus triunfos no pleito como razão desvanecedora para os seus sentimentos paternos”.



Fig. 2 – Anne Lee Patterson, Miss Northern Kentucky, 1931.¹¹

O concurso brasileiro suscitou imediatamente a simpatia popular e contou com a adesão da imprensa de outros estados, como os jornais *A Gazeta*, de São Paulo, *A República*, de Curitiba e *O Diário da Bahia*, de Salvador.

Para compor o júri foram convocados dois escultores, dois escritores, dois pintores e dois críticos de arte, procurando-se assim contemplar olhares estéticos diversos: “o escultor tenderá naturalmente para o rigor de plástica e sua decisão se assentará na nitidez de formas e no esplendor da carnadura”. Já os pintores dedicarão provavelmente seu olhar ao colorido, “à irradiação da fisionomia, sutileza da cútis, o brilho dos olhos, essa transcendente, esse cintilante espiritual que é na vida humana a essência da vida”; o crítico de arte por sua vez “divergirá sobre os conceitos estéticos anteriores, tanto pelas suas preferências institucionais, tanto pela sua diversidade intelectual. Esse apreciará

¹¹ Exceção que confirma a regra, Anne Lee Patterson (Miss Northern Kentucky) ganhou o título de Miss Estados Unidos em Galveston, ficando em segundo lugar no concurso Miss Universo 1931. No ano seguinte, juntou-se ao elenco do Ziegfeld Follies. Foto disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/-LPtCgLTQsJM/TrXbEGArBr/AAAAAAAAAGRO/xVSiFudxyc/s1600/anne_lee_patterson_ziegfeld+follies3.jpg>. Acesso em: jul. 2015.

a mulher, raciocinando a rigor, como escultor e pintor”, trazendo ao julgamento o equilíbrio entre as decisões do escultor e do pintor. A opinião do escritor estará mais próxima ao julgamento dos leigos, “como todo homem, sem estudos especiais sobre a beleza, ou seja, despido de qualquer convencionalismo estético”, o escritor representará assim, na visão do jornal, o conceito popular de beleza, decisão pessoal despida de formulações estéticas ou plásticas.¹²

Estabelecidas as premissas, assistiu-se a um bombardeio de informações que buscavam manter acesas a atenção e curiosidade do público, por meio da divulgação de resultados parciais e da movimentação em cada estado brasileiro. Tudo era notícia. Foi feito contato com o grande promotor e diretor do evento de Galveston, Willett Roe, que por meio de um telegrama enviado à comissão organizadora se pronunciou: “Terei muito prazer em aceitar Miss Brasil, escolhida pela *A Noite*. Estamos muito satisfeitos com seu interesse pelo assunto e desejamos que Miss Brasil levante o título internacional em 1929.”¹³

Como bom empresário e bom americano, Roe dava início à diplomacia no trato com o Brasil, no trabalho de bastidores que desempenhava cuidadosamente ao gerenciar toda a rede de relações que justificavam a promoção de um evento desse porte. Propaganda, imprensa, divulgação dentro e fora do país, imagem de sucesso.

E assim, durante os meses de janeiro a março de 1929, o Brasil foi às urnas exercendo uma liberdade jamais experimentada; nem raça, sexo, idade, nem analfabetismo, nada impediria o povo de expressar sua vontade. E continuavam a chegar cartas a título de bolsa de apostas, disputas entre leitores das diversas regiões valorizando esse ou aquele quesito da provável vencedora. O missivista de São Paulo chamava atenção para o forte movimento imigratório, que somava à raça a excelência do bom sangue latino proveniente da multidão italiana que chegara ao estado. O jornal contestava, argumentando que a “fulgurante *corbeille* da raça” deveria conter as flores da nacionalidade, pois “em qualquer rincão do agreste, longe do mundo civilizado, das suas teorias, dos seus intercâmbios raciais, pode desabrochar um tipo irrepreensível, maravilhoso, capaz de superar os padrões mais apurados da beleza feminina”. O Brasil ainda ansiava por descobrir

¹² A NOITE, Rio de Janeiro, 10 nov. 1928.

¹³ A NOITE, Rio de Janeiro, 13 nov. 1928.

as belezas desconhecidas do Brasil. Opinião absolutamente distinta sobre a beleza feminina e a mulher brasileira tinha, no entanto, o escultor Cunha Melo, professor da Escola de Belas-Artes e jurado do concurso:

Nós ainda não temos um tipo de raça brasileira definida, pois somos um povo muito novo, constituído de elementos de raças diversas; o branco, o negro e o índio, e ainda não houve tempo para o caldeamento desses três. Os antiestéticos do negro e do índio são muito fortes prejudicando o conjunto. É possível que mais tarde, quando as características da raça branca dominarem, apareça um tipo interessante, não quero dizer com isso que não tenhamos mulheres belas e dignas de disputarem o pomo de beleza.¹⁴

Melhor não comentar; mas fica bastante evidente o quanto os critérios raciais ainda vigoravam na análise dos mais diversos campos da cultura, vigentes, por exemplo, na obra de Mário de Andrade, certamente influenciada pelos escritos de Sílvio Romero e endossada pelas análises de Luciano Gallet. Raça compreendida como valor negativo, falta de caráter e em contrapartida como valor absoluto positivo, quando representa a complexidade da nação; nossa participação no certame internacional impunha-se pela valorização do brasileiro, “pela dona da sua raça, virtuosa e bela entre as mais belas e virtuosas, exteriorização que vale no caso, por um pleito nacional a essa virtude e a essa beleza”.

Cabe aliás um parêntese sobre a valorização das qualidades femininas, que não deviam passar pela atividade intelectual e tampouco política, mas que seriam ressaltadas unicamente pelo critério de beleza, elemento imprescindível para a valorização do gênero. A ausência desse atributo representaria um pesado ônus, uma vez que, rejeitadas pelos homens, veriam a impossibilidade de realização daquela que ainda seria considerada a única aspiração legítima para as mulheres – o casamento.

Como bem observa Rachel Soihet, “o feminismo não deixará de ser utilizado como ameaça à concretização de tal anseio. Repetem-se velhos estereótipos acerca da importância de serem respeitados os diferentes atributos dos homens e mulheres, concepção presente na religião, atualizada e sofisticada pelos filósofos

¹⁴ A NOITE, Rio de Janeiro, 26 jan. 1929.

iluministas e utilizada pela ciência”. Como exemplo dessa visão, Soihet reproduz trecho da crônica publicada na revista *Careta* em que o autor postula: “[...] só as muito feias hão de querer se emancipar... coitadas! as bonitas não [...]”, porque a elas nunca faltará um adorador. E, sem mais delongas: “Que nos importam as feias! Salvem-se as belas, que a humanidade se aperfeiçoará”.¹⁵ O jornal *A Noite* estava, não sem ruídos, fazendo a sua parte.

As primeiras contagens de votos deram aos bairros de Botafogo e Centro a liderança no número de cédulas, algo em torno de 45 mil votos, enquanto os outros bairros mal contabilizavam dez mil. A campanha de *A Noite* para manter acesa a chama do concurso era intensa e diária. Enquanto contavam-se cédulas, informava-se das eleições nos outros estados e, claro, da movimentação social que envolvia todo o processo, numa agenda absolutamente agitada, tomada de eventos, recepções e chás oferecidos ou proporcionados pelas misses. Não faltaram oferecimentos à guisa de muita propaganda, é claro! Miss Carioca tem um *fox-trot*, oferecido pelo poeta Cândido Gouvea, que escreveu a letra, e o compositor Sebastião Valença, que compôs a música; o *fox* foi editado pela Casa Bevilacqua, situada à rua do Ouvidor.

No dia 19 de março foi realizada no salão de honra da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro uma reunião das Misses Cariocas, momento em que as eleitas dos bairros tiveram oportunidade de trocar ideias, estreitar os laços de simpatias e conhecer as regras do concurso. Foi aconselhado às concorrentes que se apresentassem “com o encanto natural de suas lindas faces”, dispensando por alguns instantes o *rouge*, o creme e demais ingredientes, que no entender dos artistas encobriam e podiam desfigurar as linhas e expressões de beleza. O vestuário seria um vestido de baile, ou de passeio, de preferência sem mangas e tão curto e leve quanto possível. A prova de maiô, certamente necessária e mesmo indispensável, não seria pública, nem o julgamento seria todo público. As concorrentes desfilariam pelo estádio com seus vestidos de apresentação para que fossem admiradas e aplaudidas pelo povo que as elegeu.

A eleição de Miss Rio de Janeiro foi realizada no domingo, 24 de março, no campo do Fluminense; o júri, composto pelo escultor Correa Lima, diretor da Escola Nacional de Belas-Artes, pelo pintor Eliseu Visconti, pela pin-

¹⁵ SOIHET, Rachel. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006. p. 109.

tora Sara Vilela de Figueiredo, pelo dr. José Mariano Filho e pelo sr. Francisco Serrador. Enquanto retiraram-se para decidir sobre o voto final, as Bandas da Escola Militar, gentilmente cedida pelo Ministro da Guerra, a banda do Corpo de Bombeiros e a Banda do Batalhão Naval, cedida pelo Ministro da Marinha, além da orquestra Brunswich, alternaram-se na execução da parte musical. Após duplo desfile, o júri deu o veredito final consagrando Miss Botafogo com o título de Miss Rio de Janeiro. Olga Bergamini de Sá foi surpreendida pela decisão do júri. Recebeu a faixa das mãos de Sarah Vilela e, ao lado do diretor de *A Noite*, emoldurada pelo ruidoso som da aclamação popular, deu no estádio a volta triunfal, descrevendo um largo círculo olímpico.



Fig. 3 – Olga Bergamini recebe a faixa de Miss Rio de Janeiro.

Revista da Semana, abril de 1929.

No dia seguinte à votação começaram a ser exibidos no Odeon e no Glória os filmes realizados durante a grande festa dominical.

O evento foi assim noticiado pelo jornal *A Noite*:

O povo carioca ontem escreveu uma nova página, uma página fulgurante de ouro, nos anais de sua grande cidade. A escolha e proclamação de Miss Rio de Janeiro no estádio, entre as aclamações da multidão, foi uma festa grande, um culto à raça, celebrando-se a graça, a saúde e a beleza. Aquele espetáculo majestoso atraiu 20 mil pessoas ao estádio do

Fluminense, isso ocorreu ao mesmo tempo em que acontecia um jogo de futebol entre cariocas e paulistas. Essa festa mostra o início de uma fase de ampla educação estética e de aperfeiçoamento *eugênico*, imediatamente fiscalizados pelos olhares do povo. *A Noite* fica feliz em verificar, pelos aplausos do povo, que, instituindo este concurso, correspondeu aos interesses de nossa cultura.¹⁶

Terminada a eleição surgiu finalmente a primeira oportunidade de conhecer um pouco a preferida do público carioca. Olga Bergamini começou agradecendo ao jornal e, naturalmente, ao povo que a elegeu. Informou não ter feito sua inscrição no concurso, mas ter sido surpreendida pela presença de seu nome entre as eleitas; passou, então, a acompanhar o pleito pela simples curiosidade de saber quantos votos alcançaria. Ainda que surpresa, levou a vida cotidiana como de hábito, e quando estava veraneando em Petrópolis soube da primeira convocação às misses à qual não pôde comparecer. A senhorita Olga Bergamini de Sá “não é apenas uma bela carioca, é uma carioca de educação primorosa, flor encantadora de distinção, desabrochada em ambiente amável de pureza”. Satisfeitas as primeiras curiosidades sobre a bela carioca, o jornal renovou o fôlego e passou à promoção do evento em sua dimensão nacional sempre com a manchete: “Miss Brasil, florão de uma raça”.

Foram assim empreendidas novas e intermináveis rodadas de entrevistas com todas as beldades para saber de curiosidades pessoais, suas aspirações, preferências; o oferecimento de presentes arremessados pelos mais variados estabelecimentos comerciais intensificou-se, assim como as visitas a entidades e associações diversas: o Gávea Golf homenageou as misses com um *match* de polo e um chá dançante; a diretoria do Radio Clube disponibilizou seu estúdio para que pudessem se comunicar com seus estados enviando-lhes saudações; o Clube Central promoveu um grande baile de gala, para o qual foi contratado o serviço de *buffet* do Hotel Glória; o Clube São Cristóvão da mesma forma as receberá; os alunos da Faculdade de Direito de Niterói realizaram um esplêndido baile; não se deve deixar de mencionar a badalada visita das misses ao Corpo de Bombeiros detalhadamente registrada por ampla matéria recheada de fotos, publicada em

¹⁶ A NOITE, Rio de Janeiro, 25 mar. 1929.

O Clarão; os senhores J. Souza & C. dedicaram à Miss Brasil uma mimosa e artística sombrinha; da A Exquisita receberam 21 pares de sapatos finos; já a firma Victor & C. ofereceu à Miss Brasil um originalíssimo mimo, couro de Crocodilo do Nilo, *bleu ciel*, ou *Lezards* de Calcutá, produtos típicos de seu ramo de negócios, couros de luxo de répteis; receberá ainda uma linda caixa de bombons Cailler, assistirá a um festival de *box* promovido pela Academia Vilaça em sua homenagem, disporá dos serviços da tinturaria Luso-brasileira, de peças de finíssimo tecido de Miguel Badoury & Cia., e de serviços do tradutor Mário Pereira Coutinho, e claro, além dos maiôs da fábrica Galiazzi Vencedor, as misses serão agraciadas com o excelente tônico capilar, biotricol, oferecimento dos srs. Silva Araújo e Cia.

Foram de fato muitos bailes e chás dançantes até que se chegasse enfim à eleição de Miss Brasil marcada para o dia 14 de abril, também no estádio do Fluminense, como assinalou *A Noite*, “o torneio que amanhã se efetuará, para enlevo e orgulho de todo o país, constitui indiscutivelmente um acontecimento nacional e o seu espiritual esplendor irradiará a todos os corações do Brasil”. Infelizmente, o mau tempo determinou a transferência do evento para o dia 16.

Para julgamento das concorrentes estaduais ao título de Miss Brasil, “o júri nacional foi composto pelos srs. prof. Rodolfo Amoedo, “o glorioso pintor da Narração de Philetos”, e o pintor Rodolfo Chambelland, professor de aula de modelo vivo da Escola Nacional de Belas-Artes; o escultor Cunha Mello, conservador e restaurador da galeria de escultura da Escola Nacional de Belas-Artes, cuja opinião já tivemos a oportunidade de reproduzir; o dr. Raul Leitão da Cunha, professor de anatomia da Faculdade de Medicina, e presidindo o júri o escritor Coelho Neto, eleito no ano anterior o “Príncipe dos pro-sadores brasileiros” em concurso realizado por *O Malho*. Os trabalhos foram acompanhados pelo dr. Paulo Filho, na qualidade de presidente da Associação Brasileira de Imprensa.

Saindo do Hotel Itajubá para o estádio do Fluminense, as misses dirigiram-se ao Ministério da Justiça, passando pela avenida Rio Branco, num brilhante cortejo de automóveis. À entrada do Ministério foram recebidas pelo sr. Leo Alencar que as encaminhava à sala do Ministro, onde as representantes dos estados apresentaram os seus cumprimentos ao Ministro da Justiça e à sra. Viana do Castelo. Chegando ao Fluminense foram recebidas por cerca de setenta mil pessoas que, à

entrada, forçavam os portões. A sala de honra do Fluminense que havia sido reservada às misses foi invadida, assim como as arquibancadas e a própria pista. Com o estádio totalmente tomado pelo povo, não foi possível a realização do desfile, pois não sobrava uma faixa de terreno onde pudessem passar as misses.



Fig. 4 – Público no Fluminense Football Club.
Revista da Semana, abril de 1929.

Inicialmente Miss Botafogo, transformada em Miss Rio de Janeiro e aclamada Miss Brasil, Olga Bergamini de Sá recebeu a consagração popular. Quando veio à janela do salão de honra do clube para despedir-se e em seguida sair, toda a multidão foi tomada de delírio; surpreendeu a todos o enorme contingente de pessoas que ocuparam o bairro:

As ruas Guanabara e Álvaro Chaves eram como rios humanos. Escoavam-se em ondas de gente constituídas em sua maioria de senhoras e senhoritas, em trajes vaporosos e de variadas cores, que emprestavam ao desfile um estranho encanto, escoavam-se para todos os lados. Os bondes, os automóveis, foram então tomados pela multidão. Todos os veículos, até o largo do Machado, pela grande afluência de povo, só puderam trafegar em marcha vagarosíssima.¹⁷

¹⁷ A NOITE, Rio de Janeiro, 17 abr. 1929.

Era tal o entusiasmo em torno do carro da senhorita Olga Bergamini que o veículo teve que ser escoltado por quatro praças da Polícia Militar.

Na noite do dia 18, a diretoria do Praia Clube ofereceu um baile de gala à Miss Brasil e, para dar ao povo nova oportunidade de assistir ao desfile das misses, divulgou o itinerário, com o cortejo passando por volta das 22h pela avenida Rio Branco, indo até a praça Mauá. A avenida ficou tomada de ponta a ponta por uma verdadeira multidão que se formou por horas e horas ao longo do dia. À última hora, com o cortejo organizado para as 23h, os diretores do Praia Clube determinaram a alteração do itinerário do desfile, seguindo os automóveis pela avenida Beira-Mar, causando grande desapontamento à multidão. À chegada ao clube, foram atiradas flores e serpentinas às misses, repetindo-se as manifestações de entusiasmo popular.

Passados alguns dias, o diretor gerente de *A Noite* foi à residência da família Sá, à rua Visconde de Ouro Preto, n. 68, entregar à senhorita Olga Bergamini um cheque do Citibank no valor de 10.000 dólares, importância do prêmio oferecido à Miss Brasil.

E continuava assim o périplo; muitos chás, bailes e visitas memoráveis, uma das quais ao Presidente da República, que recebeu, em audiência especial em Petrópolis, a Miss Brasil e as representantes dos estados; “o chefe da nação asseverou-lhes que tendo acompanhado com interesse, como todos os brasileiros, as fases do concurso aberto pela *A Noite*, tinha a grande satisfação de receber as representantes dos estados e de verificar que todos os estados tinham sido felizes na escolha de suas representantes”.¹⁸

Atividades beneficentes tiveram lugar seguro e obrigatório na agenda de todas as misses e certamente na de Miss Brasil. Frases lapidárias foram estampadas na primeira página de *A Noite*, para bem representar o espírito altruísta de nossas beldades: “Que tudo isto seja um pretexto para fazer bem aos que sofrem”; ou “As misses amparam os que sofrem” e ainda “Miss Brasil interessa-se pelos dentes das crianças pobres”. Assim sendo, prestigiavam todos os eventos – de visitas às prisões a chás de caridade como o promovido pelas “Damas de bondade” da Assistência dentária infantil, em benefício dessa instituição.

¹⁸ A NOITE, Rio de Janeiro, 22 abr. 1929.

Finalmente, o país teve a oportunidade de saber um pouco mais sobre as preferências de sua eleita. O jornal *A Noite* foi ouvi-la em sua residência, ocasião em que estava acompanhada de sua mãe e de seu tio, o deputado Adolfo Bergamini. Na primeira página de *A Noite*, foi estampada generosa fotografia de Olga com seu violão em punho, constando abaixo os dizeres: “Miss Brasil ama o violão e a música nacional”.

Filha do comerciante Francisco Marques Correia de Sá e de Luiza Bergamini, Olga nasceu na rua do Catete, n. 92, casa 12. Seus 18 anos seriam cumpridos no dia 8 de maio de 1929, data de sua partida para os Estados Unidos. O primeiro colégio que cursou foi o Sacré-Coeur, viajou com os pais para a Europa por um ano e ao regressar entrou para o colégio Burlamaqui, matriculando-se em seguida no Andrews. Falava um pouco de inglês e arranhava o francês, o espanhol e o italiano. Como criatura comum e jovem bem comportada, acordava cedo, almoçava e dormia cedo; entremeava as funções com duas horas de *siesta* – religiosas; “depois do concurso, tudo mudou, tenho a impressão de que não vivo... quando acordo já tenho que atender aos que me procuram, até depois da meia-noite recebo chamadas ao telefone”. Aos domingos, ia ao Engenho de Dentro visitar seu tio, Adolfo Bergamini.

– Fale-nos dos seus gostos, da sua preferência, senhorita.

– Não tenho nada de notável neste sentido...

– Artista preferido.

– Até isto o senhor quer saber?

Mostramos à Miss Brasil a importância deste detalhe. O cinema é, atualmente, a vertigem do povo. Um artista de cinema na atualidade tem mais importância do que os grandes diretores dos destinos da humanidade.

– Mas que influi a minha opinião?

– Ao público interessa mais a opinião de Miss Brasil sobre um artista do cinema do que a opinião de Rothschild sobre o nosso plano de estabilização.

– O meu ator predileto é Lon Chaney e a atriz, Joan Crawford.

– E se quiséssemos saber as preferências literárias da senhorita?

– Não sei mentir. Não sei enfeitar-me com penas de pavão. Eu, de literatura nada sei. Estou ainda no período do meu curso de humanidades e os estudos não me deram tempo de ler as obras literárias. De romances

conheço, como toda moça, uma ou outra novela de Delly e de Ardel. Nada mais.¹⁹

O alentado verbete eletrônico dedicado à M. Delly informa que foi o pseudônimo do casal de irmãos, escritores franceses, Jeanne Marie Henriette e Frédéric Petitjean de la Rosière, que publicaram mais de uma centena de livros, editados no Brasil pela Companhia Editora Nacional, de Monteiro Lobato; uma leitura fácil, caracterizada pelo estilo romântico, pelo tom de encantamento e clima de conto de fadas. Olga Bergamini certamente encarnou uma de suas personagens. Embora seu discurso fosse pautado por certo desprendimento, declarando sempre a casualidade de sua participação em concursos de beleza – a encontramos, já em 1926, tomando parte do concurso de circuito de cinemas –, seu conto de fadas foi quase total; viveu por meses uma realidade mágica, de rainha, aristocrata, numa metamorfose de tempo, espaço, lugar social, numa fantasia que talvez nem ela mesma vislumbrasse na grandeza e apoteose criadas pela organização do jornal *A Noite*. Para coroar o momento, cumpre lembrar que Lamartine Babo e Augusto Vasseur haviam acabado de compor um fox-marcha em homenagem à Miss Brasil, editado pela casa Bevilacqua, tendo na capa o retrato da senhorita Olga Bergamini.

Perguntada sobre sua participação no concurso, disse ter levado tudo em brincadeira; poucas semanas antes de terminar a votação almejou a conquista do 3º ou 4º lugares; o título de Miss Botafogo a surpreendeu. Finalmente declarou seu maior desejo, o grande sonho de sempre: possuir uma baratinha! Não sabemos se o realizou, mas poucos meses mais tarde, em agosto, seu nome apareceria no jornal como motorista aprovada no exame de habilitação.

¹⁹ A NOITE, Rio de Janeiro, 26 abr. 1929.



Fig. 5 – Olga Bergamini e o violão.
A Noite, 26 de abril de 1929.

Voltando à ilha da fantasia, *A Noite* não apenas não poupou esforços, como investiu todos eles para estabelecer uma agenda grandiloquente ao evento de partida de Miss Brasil para os Estados Unidos. Já no dia 20 de abril, divulgou o cerimonial: na madrugada do dia da partida, uma banda completa de clarins tocará a alvorada junto à sua residência. Será organizado um grande desfile, um cortejo monumental, ao qual se associarão todas as agremiações do Rio e dos estados que tivessem aqui representações, “a classe acadêmica, sempre entusiasta e cavalheiresca, as classes armadas, a laboriosa classe dos *chauffeurs*, as escolas, os escoteiros de terra e mar, toda gente, enfim, o povo da nossa terra – alma ardente e sincera de todos os triunfos de *A Noite* de agora e sempre”. Participarão todas as misses que ainda se encontrarem na capital, as eleitas dos bairros e suas famílias tomarão parte no desfile em automóveis. O préstito será formado numa das praças mais próximas da residência de Miss Brasil, que será isolada por cordões de guardas civis e onde só terão entrada automóveis que a ele forem se incorporar. Uma vez em ordem de marcha, seguirão até a residência de Miss Brasil, onde um *Landau a Dumont*, tirado por seis cavalos, receberá a senhorita Olga Bergamini de Sá. Tanto em volta à sua residência, como na praça Mauá, *A Noite* manterá um rigoroso cordão de isolamento para facilitar a saída e o embarque de Miss Brasil. A organização do desfile obedecerá à seguinte ordem:

Batedores da inspetoria de veículos, em suas motocicletas
Banda de clarins
Fanfarra militar
Automóveis com as misses dos bairros e suas respectivas famílias
Outra fanfarra
Misses estaduais
Landau de Miss Brasil e representantes de *A Noite*
Automóveis da família Bergamini de Sá e seus convidados
Automóveis de *A Noite*
Automóveis da imprensa, das associações, dos acadêmicos, escoteiros e de todos que aderirem ao cortejo
Uma banda de música militar esperará o cortejo na praça Mauá

No dia do embarque, a avenida Rio Branco foi ricamente ornamentada assim como seus edifícios. *A Noite* solicitou ao povo que se munisse de flores, tantas quanto possíveis, para que o préstito pudesse desfilar sob uma verdadeira chuva de pétalas. Mais um aspecto pitoresco do acontecimento, Olga enviou três mensagens: uma endereçada ao povo carioca; outra, à imprensa; e finalmente, ao jornal *A Noite*, por meio de pombos-correio: o Jahu foi solto ao tomar o automóvel na saída de sua residência, o segundo, Carioca, ao passar pelo Palace Hotel e o terceiro, Nero, foi solto na praça Mauá.



Fig. 6 – Partida de Olga Bergamini.
Revista da Semana, maio de 1929.

A fotografia fala por si. Multidão, alvoroço, delírio. E lá se foi nossa princesa Olga.

Enquanto vivia-se a euforia do clima de brasilidade, uma nota destoante relacionada ao grande concurso de beleza dava conta do litígio pelo qual passava a Associação Brasileira de Imprensa, conflito que culminou com a expulsão do jornalista Mariz e Barros de seus quadros. Sob o título “A ABI apoia um insultador de Miss Brasil”, a crise foi levada aos jornais; numa das matérias publicadas, Barros contou sua versão dos fatos:

A diretoria atual quer roubar, trapacear e quer fazer das saletas reservadas da ABI um *rendez-vous* e, o que mais – quer afrontar os brios nacionais. Eu era o único estorvo àqueles bacorinhos. O motivo da minha expulsão foi este, tendo o sócio da ABI, Roman Poznanski, polaco, dito em plena sede da ABI que a digna, virtuosa e distintíssima senhorita Olga Bergamini de Sá, bem como as demais misses brasileiras, não eram moças dignas. Eu me vi obrigado a, como brasileiro, esbofetear o estrangeiro.²⁰

Embora tenha enviado nota de esclarecimento ao mesmo periódico, a Associação praticamente não deu explicações, dizendo apenas que tais declarações vinham de uma imaginação delirante que queria promover o descrédito da ABI. A crise na instituição, que teve início antes desse episódio, fora desencadeada pela exclusão de Raul Pederneiras do conselho, e pelo domínio de um grupo que tinha à frente Paulo Filho e contra o qual pesavam graves acusações. Esses e outros fatos levaram à renúncia dos seus cargos Barbosa Lima Sobrinho, redator-chefe do *Jornal do Brasil*, Brício Filho, Martins Alonso, Oscar Sayão e Gabriel Bernardes, diretor de *O Jornal*. Numa outra matéria, Brício Filho relatou que as eliminações de nomes como Olegário Mariano, Macedo Soares, e tantos outros militantes do jornalismo e das letras, e afinal a exclusão de Raul Pederneiras no último pleito, “feito ao sabor de um grupo tão inexplicavelmente agarrado ao rótulo da casa, foram o termo de silêncio aos verdadeiros profissionais da imprensa, fartos de prestigiar os feitos dos aventureiros de nossa profissão”. Passados alguns dias foram divulgados os trabalhos da ABI para eleição de

²⁰ CRÍTICA, Rio de Janeiro, 24 abr. 1929.

conselheiros nos cinco lugares vagos, sendo candidatos cotados os sócios Vasco Ortigão, Jardim Sampieiro, Artur Guaraná e Ernesta Weber, a qual havia obtido o 13º lugar no último pleito e contava agora com o apoio de seu amigo íntimo, o deputado federal Adolfo Bergamini, diretor da Associação. Ernesta e Adolfo eram os prováveis personagens do *rendez-vous* ao qual se referiu Mariz e Barros.

A reputação das misses veio novamente a ser assunto de jornal, quando monsenhor Mac Dowell, vigário da matriz de S. Francisco Xavier, pronunciou sermão sobre o torneio de beleza de Galveston, ocasião em que teve a oportunidade de externar suas ideias, as mesmas do bispo Cristóvão Eduardo Byrne, da própria cidade de Galveston, que acabara de lhe enviar telegrama no qual dizia: “A Irlanda, a Áustria, a Polônia e a Hungria retiraram suas representantes ao concurso de beleza. Guardai as vossas em casa. Qual é a moça tímida que percorrerá um *boulevard* em roupa de banho, para obter um prêmio?”.

Olga não deu ouvidos à igreja e lá estava, nos Estados Unidos, pronta a representar seu país e o sentimento de fraternidade entre as nações. O jornal *A Noite* continuou sua campanha diária de difusão de notícias sobre o concurso, divulgando os preparativos para a festa de recepção a Olga em Nova York; além de contar com a organização de manifestações populares, a Miss Brasil foi apresentada ao prefeito de polícia da cidade, ao prefeito da cidade, a autoridades, enfim, foram muitas as homenagens que marcaram sua estada em solo americano. Temos que ter em mente que Olga foi a primeira representante brasileira no concurso de Galveston e, não menos importante, a primeira sul-americana:

O prestígio surpreendente que decorre do povo americano, à nossa representante no torneio de Galveston, cresce a cada dia, na medida em que seu conhecimento cresce no sentimento do povo amigo. A sua viagem através do EUA, pelas várias regiões federativas e suas manifestações benéficas em relação à presença de Olga nesses lugares assim como houve em Nova York, mostram que o povo americano sabe da importância da presença de Miss Brasil em solo americano.²¹

²¹ A NOITE, Rio de Janeiro, 7 jun. 1929.

Naturalmente, tal sucesso veio acompanhado de propostas de indústrias e casas comerciais para que sua imagem fosse ligada a produtos a fim de promovê-los, mas a Miss Brasil recusava a todas com o pretexto de que sua estada nos EUA não era para esse fim, mas para consolidar relações cordiais entre o Brasil e os Estados Unidos da América.

Finalmente, chegaria o dia 11 de junho, data em que seria sagrada a mais bela mulher do mundo. O jornal *A Noite* apresentou na matéria do dia um grande resumo do significado do evento, ressaltando naturalmente o conagraçamento dos povos, o nativismo das raças e a expressão dos valores espirituais da nação. Sobre a participação de Olga:

Segunda a desfilas, na grande parada da beleza, ao alto de seu *pussy* ornamentado, o corpo modelado por um maiô negro, que fazia sobressair a sua pela branca de leite, heráldica, graciosíssima, a todas as ovações, agradecendo com o mais refulgente dos seus sorrisos. Olga Bergamini de Sá, a eleita do Brasil, foi uma visão esplêndida e empolgante que muito impressionou a multidão calculada em 150 mil pessoas, que se comprimiam para assistir à primeira parte do concurso mundial de beleza. É voz corrente, acrescentam os despachos telegráficos, que a senhorita Olga Bergamini terá a seu favor, se não a unanimidade, pelo menos a grande maioria do júri. Horas apenas nos separam do grande momento da decisão do júri. Daí a ânsia da cidade e de todo o nosso país.²²

Apesar do tom efusivo da matéria, o resultado final foi recebido com total silêncio pelo jornal *A Noite*: as supremas insígnias da beleza foram concedidas “à filha da pátria de músicos nobres”, Lisa Goldabeiter, Miss Áustria; nossa Olga Bergamini de Sá não foi sequer selecionada para estar entre as 11 finalistas do concurso.

Antes de voltar à pátria, Olga participou ainda de várias homenagens entre as quais aquela promovida pelo cônsul do Brasil em Nova York, Sebastião Sampaio, que enviou ao Brasil o seguinte recado: “A pedido da American Brazillian Association que fundei aqui, tenho o maior orgulho em anunciar que receberemos

²² A NOITE, Rio de Janeiro, 11 jun. 1929.

festivamente Miss Brasil. Estamos preparando o programa e logo telegrafaremos”. No dia 22 de junho, Olga Bergamini foi recebida em Nova York, para um banquete em sua homenagem oferecido pelo embaixador do Brasil nos EUA, Gurgel de Andrade, “como prova do encantamento do espírito brasileiro em solo americano, pela nossa representante e de certa forma agradecê-la pela sua grandeza no concurso de beleza”. Fechando a agenda, no dia 27 de junho, viveu um dos momentos mais marcantes de sua estada em solo americano, o ponto culminante, em que “mostrando a faceta política desta cordialidade pan-americana ela será recebida pelo próprio presidente americano na Casa Branca”; e lá estava Miss Brasil posando para fotografias ao lado de Herbert Hoover.

A passagem de Olga pelos Estados Unidos recebeu comentário de ninguém menos do que Monteiro Lobato, que à época estava em Nova York como adido comercial do Brasil:

Perguntas por que não figura meu nome nas “festas” à Miss Brasil... se não estivesse fazendo tanto calor eu te contaria o que é essa vergonhosa mistificação. Não há aqui nenhuma de tais festas. Tudo é armado nos telegramas que o nosso cônsul e mais uns gatos pingados da colônia inventam para assombro do indígena *down there*. E o botocudo cai. O bonito, as “festas”, é só nos telegramas que as folhas daí publicam. Tenho-os lido e coro de vergonha. Nunca supus que fosse possível mentir com tamanho descaro – e com tanto sucesso *down there*. Miss Brasil, coitadinha, passou absolutamente despercebida aqui [...]. O tal concurso de beleza de Galveston ninguém aqui sabe que existe, porque nenhum jornal trata do assunto – é coisinha local, municipal, lá de Galveston, que também ninguém sabe onde é. Foi com dificuldade que consegui saber o resultado desse concurso, onde a pobre menina foi desclassificada, não obtendo nenhum dos 11 lugares. O fato é esse. O mais é cônsul Sampaio e repórteres vindos daí. Mas pelos jornais há de ter visto como esse nada foi transformado em tremenda glorificação da beleza indígena. Manipulação pura!²³

²³ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Ed. Globo, 2010. p. 261.

Sebastião Sampaio era chefe de Monteiro Lobato; em suas cartas Lobato não deixa dúvidas de que as relações pessoais e profissionais entre eles desenvolviam-se com grande dificuldade.²⁴ Sabe-se ainda que a atuação de Sampaio tinha por compromisso promover o desenvolvimento das relações sociais, comerciais e culturais entre Brasil e EUA e, sobretudo, promover uma imagem positiva do país ainda que necessitasse maquiá-la. Miss Brasil foi, naquele momento, objeto máximo dessa articulação. Lobato termina a correspondência reiterando o espanto, inclusive em relação à atitude dos periódicos brasileiros como *O Estado de S. Paulo*, que “com toda a sua velha gravidade”, consagrara páginas inteiras de telegramas e comentários a uma coisa inexistente, manipulada numa sala contígua a seu escritório em Nova York.

Artigo publicado na revista *Time* em 10 de junho endossou a percepção de Lobato. A matéria começa informando que a maior notícia dos jornais do Rio de Janeiro da semana não havia sido nem política nem sobre crimes ou desastres, mas sobre a chegada de Miss Brasil aos Estados Unidos para o concurso internacional de beleza. Reproduzem algumas das matérias dos periódicos locais que jogam grande foco ao tema, para concluir: se os editores brasileiros sabem ou não, Miss Brasil é apenas uma das muitas chegadas internacionais ao concurso de Galveston. Sua presença, como a das outras moças, recebeu nada mais do que menção rotineira, mesmo naqueles jornais em que histórias e fotografias de mulheres são tão padronizadas que raramente é necessário trocar seus nomes de um dia para o outro. Para concluir com mais ironia, relata que o que chamou mesmo a atenção foi o artigo publicado na revista teatral *Variety*, sobre a acomodação no hotel e a alimentação das concorrentes, que tinha por título: “Belezas internacionais suspiram por carne quente”!²⁵

Olga Bergamini, pelo visto, não entrou na vida dos americanos, e em pouco tempo desapareceu da vida dos brasileiros, salvo uma homenagem aqui, uma outra aparição ali. Viveu seu conto de fadas a serviço de um projeto político que buscou promover a imagem idealizada do país, o Brasil da beleza, da pureza, da

²⁴ Para maiores informações, ver: LAJOLO, Marisa. Monteiro Lobato: um brasileiro em trânsito. *Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*, Florianópolis, n. 57, p. 37-57, jan. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2009n57p37>>. Acesso em: jul. 2015.

²⁵ BRAZIL: Petals Over Olga. *Time*, June 1929. Disponível em: <<http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,751933,00.html>>. Acesso em: jul. 2015.

ingenuidade, da nação regionalmente integrada e pronta a participar do grande futuro e do progresso em sua dimensão internacional. Não se sabe se manteve o violão por confidente, se continuou amando as canções nacionais. Fez carreira como funcionária da Caixa Econômica Federal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS VOZES E O VIOLÃO

Durante todo o período do concurso foram diariamente publicadas notícias sobre as misses, com a finalidade de saciar e de manter acesa a curiosidade alheia, principalmente com informações sobre os gostos e as preferências das candidatas. Além de Olga Bergamini, declararam-se cultoras do violão Miss Leblon, Luiza Marinho de Azevedo, Miss Ipanema, Laura Suarez, e Miss Curitiba, a simpaticíssima Didi Caillet.

Ainda que não tenham sido tantas as misses violonistas, foram sem dúvida inúmeras as senhoritas da sociedade que, a despeito de uma trajetória profissional, empunharam o instrumento nesse final da década de 1920; entre tantas, citamos Almerinda Campos, Arlete Ribeiro, Célia Borges, Dilke de Barbosa Rodrigues, Helena de Magalhães Castro, Heloísa Helena, Ivone Rebelo, Maria Carolina Palmeira, Maria de Carvalho, Maria Luísa de Almeida, Mary Buarque, Neide Magalhães de Almeida, Teresa Alves e Yvonne Daumerie, esta última, conhecida bailarina paulista, que se apresentou com destaque nos eventos da Semana de Arte Moderna em 1922. É importante lembrar que, nesse momento, ainda latente estava a visão da crítica ao instrumento como o porta-voz de uma sociabilidade vulgar e de uma realização artística inferior.

Podemos assim considerar que a prática da canção ao violão por mulheres da sociedade refletiu um movimento que se tornou, sobretudo, visível pela fundação de clubes e sociedades para a prática do instrumento, e que no campo da subjetividade justificou-se legítimo ao englobar a união de duas tendências que marcaram fortemente o modernismo brasileiro; por um lado representou a retomada da linha regionalista e nacionalista, refletida na criteriosa seleção do repertório e, por outro, consagrou a manifestação de cosmopolitismo simbolizada pela presença na cena carioca de mulheres jovens, bonitas e independentes.

Muitas dessas jovens tiveram suas imagens estampadas nas revistas em fotografias que sutilmente desvelavam a distinção do ambiente, a modernidade da aparência e a discreta sensualidade da expressão corporal. Os registros são feitos em salas finamente decoradas, almofadas ao chão, as moças por vezes encaravam as lentes enquanto realizavam acordes em seus violões, por vezes desviavam o olhar em poses artísticas, de perfil, sempre de pernas cruzadas; o violão lá estava para significar o não dito.



Figs. 7 e 8 – Senhoritas Lolinha e Regina de Rezende.
Revista *O Violão*, 1929.

Uma ilustração de Di Cavalcanti publicada na revista *Para Todos* fornece uma boa chave para a compreensão do momento: “Lições para ser ‘século-vente’: lição de tango, lição de violão, lição de *box* e, claro, lição de amor!”. Esbanjando sensualidade, a presença da mulher sobressai em todos os cenários: na dança do momento, empunhando o instrumento da moda, a postos para encarar o *sport* moderno e envolvida pelo cinema, movimento, acima de tudo. A lição de violão é dada por um galante professor mulato a uma jovem senhorita, que traja um vestido leve e apresenta-se com as pernas cruzadas, exibidamente à mostra.

Ser “século-vente” é, finalmente, ser moderno! Como bem observou Sevcenko, *moderno* é o vocábulo síntese de conotações que se sobrepõem em camadas sucessivas e cumulativas, que lhe inferem força expressiva ímpar, dinamizada por três forças, quais sejam: a revolução tecnológica, a passagem do século e o pós-guerra.

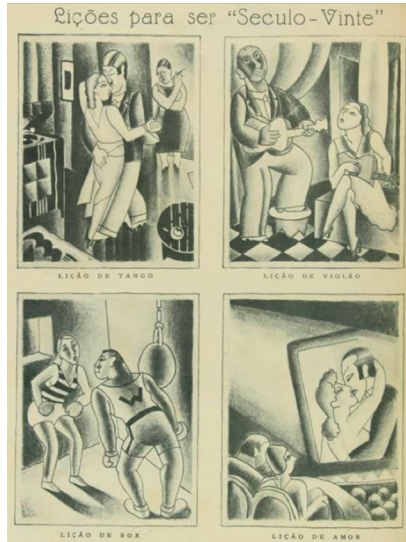


Fig. 9 – “Lições para ser ‘século-vente’”, traço de Di Cavalcanti.
Revista *Para Todos*, abril de 1929.

Nesse contexto, o abraço ao violão representou e, de modo visível, identificou as integrantes de um grupo enquanto “prática que visa a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição”.²⁶

Esse momento torna-se de particular interesse à medida que ser moderno passa a significar ser nacional, efetivando-se, assim, com clareza de expressão, uma das premissas do movimento modernista no que se costuma identificar como a sua segunda fase de atuação. Como bem observou Wilson Martins,

²⁶ Como preconizado por Marcel Mauss e Émile Durkheim, citados por: CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados* – Revista da Universidade de São Paulo, v. 5, n. 11, p. 183, 1991.

“1924 é o ano decisivo na escolha de um rumo determinado: o Modernismo opta pelo rumo nacionalista contra o cosmopolitismo, primitivo contra o artifício, sociológico contra o psicológico, folclórico contra o literário e (já) político contra o gratuito”.²⁷

O ano de 1924 é também mencionado por Eduardo Jardim de Moraes como um período de ruptura. Se até aquele momento os intelectuais modernistas estavam preocupados em atualizar as manifestações artísticas brasileiras, para projetá-las a um patamar definido por parâmetros internacionais, passariam posteriormente a ver no conhecimento da realidade nacional a única via capaz de garantir o acesso do país a esse lugar imaginado: “O que importa não é apenas compatibilizar o que é moderno e o que é nacional. Importa mais apresentar o moderno como necessariamente nacional”.

Enquanto o projeto modernista estabelecia postulados à validação da expressão artística, maxixes, lundus e sambas seguiam selvagememente em sua trajetória de impureza. A certa altura estavam tomados de *jazz* e *foxes* e, mais ainda, promovendo aguda circularidade, fecharam o ciclo bebendo na fonte da alma brasileira; mais uma vez inverte-se e completa-se o processo que curiosamente vai também encontrar respaldo na visão modernista.

Será exatamente esse o contexto que permitiu, ou melhor, que justificou o exercício da canção típica acompanhada pelo violão, prática que as senhoritas fizeram presente nos meios sociais da Capital Federal. Era, porque não, uma tomada de atitude, que teria se constituído numa pequena transgressão, se o instrumento não tivesse sido consagrado o “alto-falante da alma nacional”.

É também nesse contexto que a cidade, até então percebida como o lugar de deturpação da pureza da manifestação popular, torna-se um ambiente privilegiado às influências que recebe, mistura, traduz e renova sob olhar da tradição. Contrastes da vida moderna.

²⁷ MARTINS, Wilson. *O Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 92.